



Brasil S/A

por Carlos Franco
carlosfranco.df@dabr.com.br

Meninos maus

O grego Esopo, que viveu seis séculos antes de Cristo, recorria às fábulas para filosofar. Muitas delas, copiadas pelo francês Jean de La Fontaine (1621-1695), ilustram livros infantis, mas têm conteúdo profundamente adulto. É o caso da rainha das abelhas, que, na tentativa de agradecer aos deuses do Olimpo pelos campos, as flores e o néctar, presenteou Júpiter com o mel, fruto da sua organizada colmeia. Satisfeito com a oferenda, o deus do Olimpo permitiu que a abelha-rainha fizesse um pedido. Ela não titubeou e pediu um ferrão para eliminar os inimigos. O pleito foi atendido, mas o mortal ferrão, quando usado, mata também a abelha que dele faz uso.

É mais ou menos o que deve ocorrer com aqueles que usam os chamados padrões pobres, que chega a dar nome a uma agência global de classificação de riscos para precificar (essa estranhíssima expressão em vez da singela dar preço) o que existe ao redor. Aham que, assim, prestam um serviço ao mercado. Essa entidade por trás da qual residem os especuladores globais e, em nome da qual, economistas sem noção de história e geografia, vão repetindo mantras. E, justamente por se tratarem de mantras, contamam o setor financeiro e avançam de forma orquestrada, pela ausência de visão crítica, sobre o setor público, as empresas e a mídia. Esses analistas aplaudem quando as empresas demitem porque, acreditam, darão mais lucro aos seus acionistas — ganham prêmios com isso na forma de bônus, mas esquecem-se ou nem sabem que sem consumidor não há mercados, nem nada. E, sem um Estado sólido e robusto, voltaremos há muito antes do tempo em que viveu Esopo, à barbárie das tribos nômades brigando por um naco de alimento depois de devastadas fauna e flora por onde passavam. Foi o que levou as tribos a se organizarem, a constituírem um idioma, a produzirem alimentos e a enriquecerem. Uns mais que os outros para temperar os dias e as noites. O problema é que a organizada colmeia de abelhas, além do mel, que é alimento, tem o ferrão, que é ameaça de morte, ainda que aqueles que têm o ferrão acreditem que vão sobreviver aos inimigos reais ou imaginários.

Terra de gregos

Os gregos conhecem bem o estrago do enxame de abelhas que, em troca de mel, passou antes por Portugal e Irlanda, ensaia, agora, voos no Chipre, e sobrevoa a Espanha e a Itália. Como o fizeram em 6 de maio, os conterrâneos de Esopo deixaram ontem, mais uma vez, um recado claro nas urnas: querem o euro como moeda, mas não as medidas extremas de austeridade em troca de um resgate financeiro dos títulos da sua dívida soberana. O partido radical de esquerda Syriza, comandado pelo jovem (37 anos) Alexis Tsipras, quer o mesmo tratamento que a União Europeia e o Fundo Monetário Internacional (FMI) acabam de dar à Espanha. O conservador Nova Democracia

(ND), comandado por Antonis Samaras (62 anos), defende o resgate e as medidas de austeridade desenhadas com aval do ex-presidente francês Nicolas Sarkozy (derrotado nas urnas pelo socialista François Hollande) e a primeira-ministra alemã, Angela Merkel, que também anda colecionando derrotas em eleições regionais. A partir de hoje, como no início do mês passado, começa o turno das dificuldades para a formação de um gabinete, mas ainda que se chegue a formar um, a Grécia nunca mais será a mesma. Devastada, terá de procurar produzir mel — não para a oferenda aos deuses do Olimpo —, mas para saciar os gregos e mandar para além do mitológico Olimpo os ferrões e grilhões das abelhas da especulação.

Olé com macarronada

E, como as abelhas que colhem o pólen para produzir o mel mudam de direção, para outros campos quando os que estão mais próximos foram devastados, o enxame que atua em nome do mercado faz o mesmo. Arrasados os campos de Portugal, Irlanda e Grécia, partem com fúria para Espanha e Itália.

Na terra dos meninos maus

Presidente da Fundação Getúlio Vargas (FGV), Carlos Ivan Simonsen Leal temia, na década de 1980, pelo futuro do país, especialmente porque muitos dos alunos, se pudessem, pegariam em armas para matar os pobres e os velhos, que precisam da previdência como retribuição à contribuição que deram para a construção das riquezas, o Produto Interno Bruto (PIB), que é a soma de todas elas. Seguem os meninos maus — muitos deles abrigados em agências de classificação de riscos, consultorias, corretoras e bancos — o mantra de quanto pior, melhor. Sentem-se super-heróis do capital, guardiões do mel. Não estudaram, não quiseram conhecer em profundidade crises como as de 1929, 1973 e nem a de 2008, mas agendam e pautam a de 2012, que pode contaminar e criar nova, em 2013.

O alerta

Esopo sempre encerrava suas fábulas com singelas lições de moral. A das abelhas termina por concluir que quem com o mal fere, com o mesmo mal será ferido. Os governos não têm regras para conter o ímpeto destrutivo dos especuladores institucionalizados como analistas, economistas-chefes e afins, com seus mantras desastrosos pautados no curto prazo. Apenas quando fazem uso de informações privilegiadas no mercado acionário, onde xerifes como a brasileira Comissão de Valores Mobiliários (CVM) e a norte-americana Securities and Exchange Commission (SEC) atuam, eles são penalizados. Então, resta torcer, como na fábula, para que a cada vez que usarem o ferrão, sejam eliminados. O único problema é que eliminam antes, inclusive, a esperança, aquilo que mantém muitos de nós vivos e que, como o mel experimentado por Júpiter, é o nosso manjar de todo dia. É preciso, portanto, um chamado à razão mais forte e vigoroso, oxalá no encontro do G-20, para as abelhas voltarem a fazer mel e o mundo voltar a girar na construção do bem comum, da felicidade e da prosperidade.

FUNCIONALISMO / Para especialistas em contas públicas, o governo criou armadilha ao distribuir ganhos elevados até 2010 e agora tem dificuldades em conter a insatisfação

Dilma conta com a publicação de salário

» ANA D'ANGELO

A presidente da República, Dilma Rousseff, aposta na Lei de Acesso à Informação e na divulgação dos salários de cada servidor público ainda este ano para conseguir segurar as pressões por reajustes nos próximos anos e estabelecer uma política que corrija as distorções entre as carreiras dos três Poderes. "A alternativa do governo é jogar com a opinião pública", concorda o economista Raul Velloso. "O governo criou uma armadilha, pagando altos salários, que não consegue desmontar. Tenho a esperança de que a divulgação das remunerações totais sirva para coibir novos aumentos", afirma Velloso.

Na edição desta semana, a revista inglesa *The Economist* classificou de "roubo" os altos salários pagos a uma parcela dos servidores públicos brasileiros, muito acima dos da iniciativa privada e de quaisquer parâmetros internacionais.

Velloso observa que o problema é criado a partir dos Poderes, que têm autonomia pela Constituição para propor reajustes, como o Legislativo e o Judiciário, além do Ministério Público da União. A fatia do gasto com servidores ativos desses dois Poderes e do MPU, informa, saltou de 6,9% de 1988, ano da promulgação da Constituição, para 25,7% no fim de 2011. A Câmara e o Senado são os que mais têm reajustado os salários nos últimos anos, sem contar os ganhos extras com gordas funções gratificadas, ocupadas por dois terços deles, e as gratificações dobradas nos meses de fevereiro, junho e dezembro.

"O movimento constante de reajuste começa com os Poderes autônomos. No momento seguinte, as carreiras organizadas do Executivo, com força política, como da Polícia Federal e do Itamaraty, vão atrás, alegando isonomia. A turma que está no meio, os chamados barnabés, fica na ponta frágil da cadeia. Mas chega uma

Distorções persistem (Em R\$)

Em 2002, o servidor do Executivo tinha despesa média correspondente a 41,5% do Judiciário e a 40,4% do Legislativo. Em 2012, mesmo com todos os aumentos dados pelo governo Lula, o funcionário do Executivo tem gasto equivalente a 54% da média daquele do Judiciário e a 41,7% do Legislativo.

Executivo	2002	2012	Varição
Civis	2.784	6.681	140%
Militares	2.411	4.742	97%
Judiciário	6.715	12.358	84%
Legislativo	6.882	16.008	133%
MPU	9.640	19.898	106%

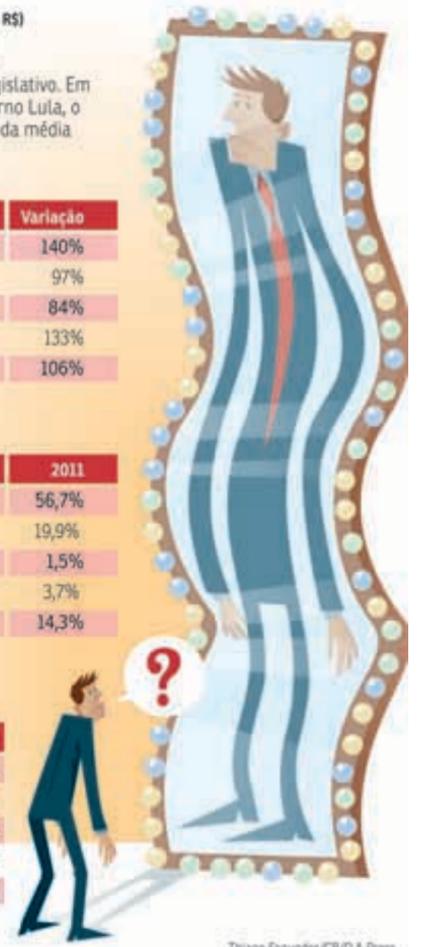
Participação dos servidores na despesa total

Executivo	1995	2002	2011
Civis	61,1%	52,7%	56,7%
Militares	22,2%	26,6%	19,9%
MPU	0,7%	1,3%	1,5%
Legislativo	3,2%	3,9%	3,7%
Judiciário	6,8%	12,2%	14,3%

Quantidade de servidores

Quadros	1995	2011	Varição
Civis	1.134.952	1.207.234	6,4%
Militares	588.754	636.466	8,1%
MPU	6.416	11.302	76,1%
Legislativo	23.61	34.591	46,5%
Judiciário	82.514	130.610	58,3%

Fonte: Boletim Estatístico de Pessoal/Ministério do Planejamento



hora em que se mobilizam e fazem greve também, pois os sindicatos são muito fortes", analisa o economista. Para ele, é um círculo vicioso, "um processo sem fim".

Controle

O economista e professor da Fundação Getúlio Vargas Felipe Salto, da Tendências Consultoria Integrada, destaca que o gasto com pessoal vem crescendo

em termos reais, junto com o Produto Interno Bruto (PIB), entre 4% e 4,5%. "O governo alega que está controlada, mas a expansão é alta. Gastar quatro vezes mais do que se dispense com investimentos é, no mínimo, contraditório. É preciso estimular os investimentos para aumentar a poupança pública, para que a redução da taxa de juros seja mais sistemática e perene", ensina.

A exemplo de Raul Velloso,

Salto vê pouco espaço para segurar essa bomba-relógio que está nas repartições. "O mais sensato é conter os reajustes", afirma. Foi o que o governo fez em 2011 e 2012. "Agora, todas essas pressões vão estourar, e o governo terá que responder aumentando o gasto com pessoal", avalia. Felipe Salto sugere que seja fixada uma regra em lei para o crescimento das despesas com pessoal, limitado a 50% do PIB, por exemplo.

Sindicalista admite fosso

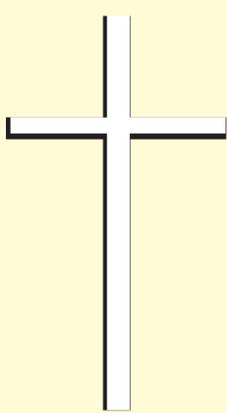
» GUSTAVO HENRIQUE BRAGA

O secretário executivo da Central Sindical e Popular (CSP Conlutas) e porta-voz do Fórum Nacional das Entidades dos Servidores Federais, que reúne 31 entidades, Paulo Barela, afirma que o governo elege quais categorias quer beneficiar. Ele destaca a gravidade das distorções salariais entre as carreiras.

Segundo Barela, os servidores já aceitaram flexibilizar a reivindicação de reajuste linear, exatamente com o intuito de corrigir as distorções. Dessa forma, em vez de uma correção de 22% para todos, os sindicalistas estão dispostos a negociar, pelo menos, as perdas inflacionárias de abril de 2010 a fevereiro de 2012, o que significaria correção linear de 10,58%.

Os sindicalistas defendem que a parte do reajuste referente ao ganho real — equivalente ao crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) em igual período (7,5%, em 2010, e 2,7%, em 2011) — poderia ser canalizado a categorias específicas, mas seguindo a prioridade de corrigir distorções.

Na avaliação de Pedro Delarue, presidente do Fórum Nacional Permanente das Carreiras Típicas de Estado (Fonacate), há uma clara distorção entre os vencimentos do funcionalismo. "As distorções ocorrem principalmente a partir do acúmulo de penduricalhos entre gratificações e adicionais variados concedidos a algumas carreiras."



“...não tenhas medo que fui eu quem te criou, quem te modelou, tu és meu, chamei-te pelo próprio nome, és muito precioso para mim, eu te amo”. (Is. 43.)

QUERES PREENCHER O VAZIO DO TEU CORAÇÃO E DAR SENTIDO A TUA VIDA?

UM ENCONTRO PESSOAL COM DEUS.
“Pois quem me acha encontra a vida...” (Pr 8, 35)

EXERCÍCIOS ESPIRITUAIS EM SILÊNCIO
DIRIGIDOS POR UM SACERDOTE DA UNIÃO
LUMEN DEI DA IGREJA CATÓLICA APOSTÓLICA ROMANA

Método de Santo Inácio de Loyola, regime de internato e silêncio

22 a 24 de junho de 2012

Início no dia 22/01 (sexta), às 18h

Local: Solar de Guadalupe
(Lago Oeste)
Saída da W3 Sul, Qd 705, BI M, Casa 03

Informações e inscrições:
(61)3244 9231 / 8212 3736



Nossa Senhora do Encontro com Deus